

PADRÃO A DE COMPORTAMENTO

TYPE A PERSONALITY

“... no mundo, não havia sossego suficiente. Tanto que podia ser servido excelso, mas faltavam os prazos. O inferno era de repente. O medo surgindo de tudo.”

João Guimarães Rosa

Hudson Hübner França*

O homem moderno não tem aproveitado devidamente, para sua qualidade de vida, todos os benefícios trazidos pelo progresso científico e tecnológico. Novos valores foram aceitos como verdadeiros - muitas vezes sem a necessária avaliação crítica -, novos deuses foram entronizados. O ganho é o grande valor; a pressa, a maior virtude. As mudanças são rápidas demais, nada é duradouro, tudo é transitório. Vivemos na era da impermanência. Para acompanhar as mudanças, o homem está sempre alerta, sob estresse, em permanente adaptação. Há uma agitação constante, turbulência que, para muitos, procura preencher o vazio existencial. A velocidade da vida moderna está em descompasso com o relógio biológico, com o ritmo circadiano, que foram ajustados pela natureza ao longo de milhões de anos. Esta defasagem causa desconforto; cria situações que não são naturais para o homem; leva à ansiedade; à intranquilidade; à modificação de humores, de funções e comportamentos. A facilidade de locomoção fez com que as mortes por acidente ficassem próximas daquelas causadas por doenças cardiovasculares; a comunicação fácil, instantânea, criou a compulsão por celulares e internet, freqüentemente com tonalidades patológicas.

Parafrazeando Abraão Lincoln, pode-se dizer que os males trazidos pelo avanço tecnológico não se devem ao uso de coisas ruins, mas, sim, ao mau uso de coisas boas.

Nos meados do século passado, Roseman e Friedman (in Braunwald, E., Heart Disease, Saunders, Philadelphia, 1980, Vol. II, p. 1262) lançaram o conceito de Padrão A de Comportamento: “ indivíduo engajado numa luta crônica e excessiva para obter um número ilimitado de coisas no menor tempo possível; o Tipo A exibe traços acentuados de agressividade, ambição e trabalho. Exibe impaciência e pressa”. Na sociedade moderna, o indivíduo com Padrão A de Comportamento, em geral, é o vencedor: consegue dinheiro, prestígio, poder. Obtém sucesso. Mas, com freqüência, tem doença coronariana e morte precoce.

Julio Cortazar, no seu romance *O Jogo da Amarelinha*, compara a vida do homem moderno àquela brincadeira infantil. Neste jogo nós traçamos as linhas no chão, escolhemos a malha, definimos a maneira de se progredir no traçado; estabelecemos as regras, mas o fazemos de tal modo, complicamos tanto as regras do jogo, o tornamos tão difícil, que mesmo sendo vencedor, no final, o ganhador está tão cansado que não tem prazer em desfrutar o prêmio conquistado.

Dino Buzzati, no seu mini-conto *O Chefe* (“As Noites Díficeis”, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1971), descreve um personagem com os traços do Padrão A de Comportamento.

O CHEFE

É diretor de uma grande indústria, tem mais de sessenta anos, levanta às 6 horas, tanto no verão como no inverno, às 7 horas já está na fábrica, onde permanece até às 8 horas da noite ou mais. Mesmo aos domingos vai trabalhar, embora as oficinas e os escritórios estejam desertos. Mas vai uma hora mais tarde, o que considera quase um vício. É um homem essencialmente sério, raramente ri, nunca ri. No verão concede a si mesmo, mas nem sempre, uma semana de férias na casa à beira do lago. Não conhece nenhum tipo de fraqueza, não fuma, não toma café, não bebe, não lê romances. Não tolera fraquezas nem nos outros. Imagina-se importante. É importantíssimo. Diz coisas importantes. Tem amigos importantes. Só dá telefonemas importantes. Mesmo suas brincadeiras em família são muito importantes. Considera-se indispensável. É indispensável. O enterro será amanhã às 14:30 horas, saindo o féretro da casa do falecido.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 10, n. 1, p. 24, 2008

* Professor do Depto. de Medicina - CCMB/PUC-SP

Recebido em 12/1/2008. Aceito para publicação em 12/1/2008.

E-mail: rfcmscmb@puccsp.br